

Este livro resulta da compilação de textos selecionados, de entre 140 comunicações apresentadas na ESECS.IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, no XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e 10.ª Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social, realizados conjuntamente. Os textos foram aprofundados, para esta publicação, e cruzam dois domínios simultaneamente distintos, mas, também, simultaneamente ‘irmãos’ na intervenção social empoderadora: a Mediação Intercultural e a Pedagogia Social.

A Pedagogia Social, enquanto ciência matriz quer da Educação Social, quer da Animação Sociocultural, quer mesmo do Serviço Social moderno, aponta para tudo menos para o assistencialismo e para a caridade, na pretensa ajuda aos outros. Pelo contrário, alimenta profissões caracterizadas pela relação social de proximidade onde a escuta ativa, a comunicação, no seu sentido lato, a empatia e o partir do outro para a construção da sua própria autonomização são fundamentais. Inevitavelmente, a Pedagogia Social desemboca nessas profissões, não raras vezes, através da Mediação Intercultural (enquanto paradigma essencialmente preventivo, transformador e socioeducativo), onde o interventor, ao contrário da mediação clássica, é tudo menos neutro e imparcial. O Pedagogo Social tem intenções de mudança, o que implica uma (trans)formação de si, da visão sobre si próprio e da visão sobre os outros.

Edições  
Afrontamento  
www.edicoesafrontamento.pt

ISBN 978-972-36-2029-0



9 789723 620290

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán,  
José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira,  
Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos (orgs.)

Teoria e Prática da Pedagogia Social,  
da Mediação Intercultural e da Intervenção Social

Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán  
José Carlos Marques, Pedro Silva,  
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido,  
Rui Matos e Rui Santos (orgs.)

# TEORIA E PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL, DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E DA INTERVENÇÃO SOCIAL

Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán,  
José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira,  
Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos  
(Orgs.)

# TEORIA E PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL, DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E DA INTERVENÇÃO SOCIAL



Edições Afrontamento

**Título:** Teoria e Prática da Pedagogia Social, da Mediação Intercultural e da Intervenção Social  
**Organizadores:** Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán, José Carlos Marques, Pedro Silva,  
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos

© 2023, Organizadores e Edições Afrontamento

**Revisão:** Ana Arqueiro

**Capa:** Edições Afrontamento / Departamento gráfico

**Edição:** Edições Afrontamento, Lda.

Rua de Santa Catarina, 895, 2.º D.º – 4000-455 – Porto

[www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt)

**Colecção:** Textos / 197

**N.º edição:** 2212

**ISBN:** 978-972-36-2029-0

**Depósito legal:** 523577/23

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

**Distribuição:** Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
[Comercial@companhiadasartes.pt](mailto:Comercial@companhiadasartes.pt)

Setembro de 2023

Este livro foi objeto de avaliação científica.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	7
<b>Capítulo 1</b> .....	13
Epistemologia, mediação intercultural e pedagogia social <i>Ricardo Vieira, Ana Maria Vieira</i>	
<b>Capítulo 2</b> .....	25
Cultura y subjetividad desde la perspectiva de la pedagogía social. Modelos conceptuales de la mediación intercultural educativa <i>Rosa Mari Ytarte, Roberto Moreno López, Rut Barranco Barroso</i>	
<b>Capítulo 3</b> .....	37
La mediación intercultural metodología de intervención social: más allá de la gestión de conflictos <i>María Carmen Quesada Muñoz</i>	
<b>Capítulo 4</b> .....	49
La mediación intercultural, una herramienta socioeducativa para la prevención y el cambio social <i>José Alberto Gallardo López</i>	
<b>Capítulo 5</b> .....	61
Processos e dimensões subjetivas e objetivas da construção da identidade profissional da educação social <i>Fátima Correia, Germán Vargas Callejas, Paulo Delgado</i>	
<b>Capítulo 6</b> .....	77
Processos de mediação intrapessoal através da fotografia e videografia terapêutica – pedagogias da convivência, narrativas e <i>mindsets</i> <i>Pedro Queirós Pinto, Ricardo Vieira</i>	
<b>Capítulo 7</b> .....	95
A “questão cigana” e a mediação intercultural <i>Micaela Lopes, Ana Maria Vieira</i>	

<b>Capítulo 8</b> .....	115
Da intervenção social intercultural no concelho de Leiria: diferentes respostas mediadoras <i>Joana Matias, Ricardo Vieira</i>	
<b>Capítulo 9</b> .....	129
Programa de promoção de competências socioemocionais em contexto escolar <i>Ana Salomé de Jesus, Ricardo Pocinho, Cristóvão Margarido, Eva María Torrecilla Sánchez</i>	
<b>Capítulo 10</b> .....	143
Formación en violencia de género, de profesionales que participan en el Programa CaixaProinfancia, en la Región de Murcia <i>Alicia González Caparrós, Encarna Bas Peña</i>	
<b>Capítulo 11</b> .....	155
<i>Clown</i> e intervenciones socioeducativas. Desarrollo de sentidos, imaginación, pensamiento y emociones <i>Mauricio Durán, Xavier Úcar</i>	
<b>Capítulo 12</b> .....	165
Circo social, escola, pedagogia social e mediação intercultural <i>Rodolfo Correia, Ricardo Vieira</i>	
<b>Capítulo 13</b> .....	179
Actividades de ocio en personas mayores. Una revisión sistémica <i>María Rosa Méndez Macías, Victoria Pérez de Guzmán, Rocío Cárdenas Rodríguez</i>	
<b>Capítulo 14</b> .....	201
Investigación-acción en escuelas de segunda oportunidad. Hacia una orientación comprometida con la justicia social <i>Soledad Romero Rodríguez, Victoria Pérez de Guzmán, Montserrat Vargas Vergara</i>	
<b>Capítulo 15</b> .....	215
Incidentes críticos, reflexividade, mediação interpessoal e intercultural na escolha da educação social como caminho profissional <i>Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques</i>	
<b>Sobre os Autores</b> .....	225
<b>Sobre os Organizadores</b> .....	233

## INTRODUÇÃO

O XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e a 10.<sup>a</sup> Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social, realizados conjuntamente na ESECS.IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, cruzaram dois domínios simultaneamente distintos, mas, também, simultaneamente ‘irmãos’ na intervenção social empoderadora: a Mediação Intercultural e a Pedagogia Social.

Há, ainda, uma grande lacuna de estudos sobre a relação da Pedagogia Social e, em parte, de todas as profissões sociais com a Mediação Intercultural que aposta no interventor que age dialogando, negociando, [mediando], empoderando, autonomizando, com práticas sempre de natureza relacional, no trabalho com sujeitos que pensam sobre si e sobre os outros e não com pessoas tantas vezes transformadas em objetos por parte do profissional social.

A Pedagogia Social, enquanto ciência matriz quer da Educação Social, quer da Animação Sociocultural, quer mesmo do Serviço Social moderno, aponta para tudo menos para o assistencialismo e para a caridade na pretensa ajuda aos outros. Pelo contrário, alimenta profissões caracterizadas pela relação social de proximidade onde a escuta ativa, a comunicação no seu sentido lato, a empatia e o partir do outro para a construção da sua própria autonomização são fundamentais. Inevitavelmente, a Pedagogia Social desemboca nessas profissões, não raras vezes, através da Mediação Intercultural (enquanto paradigma essencialmente preventivo, transformador e socioeducativo) onde o interventor, ao contrário da mediação clássica, é tudo menos neutro. É tudo menos imparcial, como se procurará discutir e refletir

**CAPÍTULO 8**  
**DA INTERVENÇÃO SOCIAL INTERCULTURAL**  
**NO CONCELHO DE LEIRIA:**  
**DIFERENTES RESPOSTAS MEDIADORAS**

Joana Matias, Ricardo Vieira

**Introdução**

O Homem é um ser intrinsecamente social, construindo a sua identidade e a sua perceção do mundo com base nos seus contactos com outros, com o Outro. As redes de sociabilidade tornam as memórias e as experiências mais complexas, com diversas camadas de profundidade. Existem formas incontáveis de articular esta diversidade da confluência do 'Nós' com o 'Outro', numa constante (re)aprendizagem e (re)construção de identidade(s). Somos seres "compósitos" (Maalouf, 2009), "mestiços" (Vieira, 2009, p. 12), trazemos connosco o que percecionamos à nossa volta. Os espaços de comunidade que compõem as nossas sociedades hodiernas são erigidos sobre formas de solidariedade em rede, formas de união e cooperação que surgem da vontade inata da procura de um lugar e bem comum. As feições destas associações podem revestir-se de inúmeros traços distintivos, podem estar no domínio da *res publica* ou de um contexto de vizinhança, sempre influenciadas pelas conjunturas macrossociais que as atravessam, como o contexto político, social, económico, cultural. Esta "organização entre iguais" (Pereira *et al.*, 2016, p. 8) permite ao Homem o acesso a uma ajuda mútua, desenvolvimento de capacidades e criação de novas e robustas comunidades que de outra forma dificilmente prosperariam. O associativismo é, assim, uma forma privilegiada de mobilização das comunidades, dado que concorre para o desenvolvimento local das mesmas, acrescentando valor social a todos os intervenientes.

Os paradigmas das sociedades globalizadas modernas fazem da solidariedade social um imperativo, afastando-se da dimensão moral predominante

no passado. As sociedades organizam-se para criar condições sociais que respondam a necessidades cada vez mais complexas, diversas e urgentes.

As tensões sociais e o conflito são motores de mudança contínuos bem presentes nas sociedades culturalmente diferenciadas e os modelos de convivência dependem da estabilidade das relações de conflituosidade entre as comunidades étnicas e sociais envolvidas. Em comunidades a várias vozes, o conflito torna-se inevitável e a sociedade procura responder a estas tensões promovendo a convivência na diversidade, com a interculturalidade como motor de crescimento, empoderando os indivíduos com estratégias de cariz transformativo.

Estas respostas surgem da responsabilidade estatal em promover o cumprimento do Estado Social, com recurso às suas instituições e respetivos trabalhadores para a defesa dos que estão socialmente fragilizados, nomeadamente através de autarquias, programas governamentais e iniciativas locais. Por outro lado, também a sociedade civil se organiza em associações que mobilizam esforços de intervenção social, em comunidades com necessidades específicas.

O presente trabalho propõe-se a analisar as respostas de intervenção social estatais (Câmara Municipal de Leiria), assim como de duas associações do concelho de Leiria (Sociedade Artística Musical dos Pousos – SAMP – InPulsar) e seus projetos de intervenção. Foi solicitado às instituições que selecionassem o projeto que consideram ter maior presença mediadora e foram ouvidos os destinatários desses projetos. Procurou-se dar voz a todos os intervenientes destes processos de mediação.

Pretende-se, assim, com a presente investigação, ficar a conhecer a forma como a sociedade concelhia leiriense promove e leva a cabo a intervenção social e a relevância da mediação intercultural nestas respostas de intervenção comunitária, relevando o enorme potencial do trabalho em rede para este fim.

### O que é mediar?

O mediador é um facilitador de relações. É uma figura que incorpora as culturas dos mediados, numa posição de “multiparcialidade” (Torremorell, 2008, p. 24), nunca neutra, numa lógica dialógica de aproximação das partes. A mediação intercultural procura conhecer o Outro, valorizando a sua diferença e aproveitando o potencial de conhecimento e descoberta positiva que encerra o conflito. É através deste diálogo intercultural, que une grupos diversificados

de indivíduos mestiços culturalmente (Vieira & Vieira, 2016, p. 37), que se promove a partilha de experiências e se combate a exclusão social.

A mediação intercultural deverá, então, assumir o papel de melhoria das relações, reconstruindo-as e promovendo as capacidades de ação de sujeitos e grupos. A diversidade cultural modifica as civilizações na medida em que as enriquece, problematiza e ‘empurra’ para um novo espaço de partilha, num constante diálogo intercultural, pois todas as culturas vivas são tradição e fermento de evolução (Lenoir, 2004, p. 102). Deste diálogo nasce a criação, a inovação, o respeito pela diferença e a preocupação com a inclusão social e a integração plural.

Integrar não significa homogeneizar: integração e diversidade cultural são conciliáveis e desejáveis. As diferentes ‘culturas’ não se podem analisar num ângulo redutor e reducionista, dado que cada indivíduo transporta a sua própria bagagem cultural, que, como ser múltiplo e heterogéneo, atualiza e enriquece todos os dias. As relações entre culturas são então diversificadas e “policromáticas” (Vieira, 2013, p. 85), com muitos universos pessoais a concorrer para elas. Os processos de mediação têm como objetivo último o da mudança social, com a coexistência em paz e transformação positiva.

As sociedades maioritárias tendem a ver o Outro de acordo com as suas matrizes culturais e a propor soluções de integração que façam sentido para si mas que muitas vezes não se coadunam com as reais necessidades e com as realidades presentes nas diferenças. Só quando nos descentramos de nós mesmos (AEP Desenvolupament Comunitari & Andalucía Acoge, 2008, p. 82) conseguimos ter acesso ao sistema de valores do Outro; só quando nos conhecemos bem podemos conhecer melhor o Outro e largar a facilidade com que queremos impor a nossa visão, hierarquia de prioridades e sistema de valores. É preciso escutar ativamente e compreender para se poder aprender a conviver com a diferença, fazendo dos indivíduos atores sociais promotores da mudança que querem ver no mundo.

### Objetivos investigativos

O presente trabalho de investigação propôs-se a analisar as respostas de intervenção social no concelho de Leiria e compreender os processos de mediação que as atravessam. Esta atuação mediadora, na prática da mediação comunitária, é vista como “o corolário da mediação intercultural, uma vez que se trata de a aplicar a uma comunidade que habita determinado município ou território” (Vieira & Araújo, 2018, p. 127) e os municípios estão em posição

privilegiada para a pôr em prática, como organismos que atuam em estreita ligação com as associações locais e o poder central, pensando globalmente e agindo localmente. Então, o alvo de análise deste projeto são as respostas mediadoras existentes no concelho de Leiria, apresentando, por um lado, as respostas efetivas ao nível estatal e, por outro, as respostas ao nível de organizações da sociedade civil, focando associações de cariz social e cultural. A delimitação do objeto de estudo levou ao afunilamento da área geográfica para a baliza do concelho e a multiplicidade associativa levou à escolha de duas associações com características de respostas sociais transformadoras: SAMP e InPulsar. A opção por estas duas associações prendeu-se com o conhecimento que, por razões profissionais, um dos autores detém das mesmas, e cujos programas, projetos e atividades tem acompanhado de forma assídua nos últimos anos.

Foi realizado o levantamento das respostas de intervenção social destas duas instituições em conjunto com as da Câmara Municipal de Leiria, como três exemplos ilustrativos da intervenção social na realidade leiriense atual que se entrecruzam em parcerias, sinergias e alguns projetos partilhados.

Com este trabalho propusemo-nos a atingir os seguintes objetivos investigativos:

- 1) contextualizar a realidade leiriense em termos do uso da mediação intercultural na intervenção social;
- 2) fazer um levantamento das respostas da Câmara Municipal de Leiria em matéria de mediação intercultural e intervenção social, com caracterização das mesmas;
- 3) estudar a atividade de associações que desempenham o seu trabalho em áreas complementares, confrontando as respostas mediadoras que apresentam, elencando diversos projetos, níveis de atuação e resultados;
- 4) conhecer as dificuldades apontadas pelas associações estudadas nas suas respostas de intervenção social, comparando sensibilidades, propostas e possíveis estratégias para a sua mitigação;
- 5) conhecer e compreender as práticas de intervenção social mediadoras nos três casos, comparando as suas atividades e verificando de que forma a mediação intercultural é efetivada nas diferentes realidades apresentadas.

Como resultado final deste projeto pretende-se um documento que possa auxiliar as instituições, associações e órgãos de intervenção social do concelho de Leiria ao nível das respostas existentes e que seja um contributo para estudos futuros e intervenções futuras.

### Caminhos metodológicos

Esta investigação insere-se no paradigma interpretativo e baseia-se numa metodologia investigativa de cariz etnográfico e de carácter exploratório, pois parte de uma realidade histórica, social e cultural de um concelho para, numa lógica de continuidade, desenvolver um conhecimento qualitativo mais abrangente e autêntico.

Num primeiro momento, procedeu-se ao levantamento de informação sobre as associações existentes, sua área de intervenção sociocultural no concelho de Leiria e domínios mais representativos. Seguidamente, aprofundou-se este conhecimento com entrevistas semiestruturadas aos dirigentes e intervenores sociais da Câmara Municipal de Leiria, da SAMP e da InPulsar. Após a escolha dos diversos projetos por parte de cada uma das suas responsáveis, a investigadora teve contacto pessoal com os mesmos, recorrendo à observação participante e à conversa espontânea e coloquial com o público-alvo desses mesmos projetos. O trabalho do investigador etnográfico não se limita a interpretar as respostas dos sujeitos em entrevistas, por exemplo, mas incorpora também a observação direta das suas práticas, que, por vezes, podem entrar em contradição. É esta a principal virtude deste método, pois permite confrontar as respostas e o que é veiculado pelos sujeitos estudados e a sua prática, dando azo a interpretações e pesquisas mais completas.

Considerou-se ainda pertinente o recurso a informadores privilegiados, interlocutores preferenciais, como forma de ultrapassar os condicionamentos inevitáveis inerentes à presença de uma pessoa estranha (o investigador) que contamina as respostas obtidas. Os atos de fala dependem frequentemente de estruturas linguísticas e de interações sociais que provocam tensões e que conduzem ao silêncio, a atitudes defensivas e à escolha de certos porta-vozes que não veiculam o ponto de vista de todos mas o que ‘parece bem’, levando ao enviesamento de respostas e a obstáculos investigativos. Recorrendo a estes “informantes privilegiados” (Costa, 2014, p. 132) é possível ter acesso a informações sobre aspetos a que não se pode aceder diretamente estando ‘de fora’; são fontes contínuas de informação vantajosa sobre as pessoas, pormenores de contextualização importantes ao estudo e acontecimentos quotidianos a que o investigador não consegue ter acesso.

No final desta recolha, os dados das entrevistas foram organizados em sinopses, de acordo com os formatos utilizados para cada uma. Esta foi a forma escolhida para alcançar um conhecimento mais completo e global da ação das instituições, dando voz aos seus intervenientes mediadores e também ouvindo aqueles que são os sujeitos participantes nos projetos que desenvolvem.

Os métodos utilizados foram flexíveis, com adaptação aos contextos sociais presentes, aproveitando a sua complexidade para as conclusões investigativas.

### O associativismo

O associativismo é uma forma de organização civil vital para a promoção da cidadania e reforço de sentimentos de pertença. Concorre para a configuração identitária e promove a integração e a inclusão social. As organizações voluntárias dos mais variados fins assentam na livre adesão por parte dos seus associados e as interações entre os mesmos têm um carácter horizontal, facilitando a emergência do compromisso cívico (Albuquerque, 2008, p. 103). Ora, num contexto de reiterado afastamento dos cidadãos em relação às formas de participação política convencionais, o associativismo assume um papel fulcral na promoção da participação ativa dos indivíduos nas suas comunidades, criando um sentimento de pertença. De acordo com Putnam (1993, p. 90, como citado em Albuquerque, 2008, p. 115), as associações têm efeitos positivos num plano quer interno, quer externo: no plano interno, induzem nos seus membros hábitos de cooperação, solidariedade e predisposição para a *res publica*; no plano externo, uma rede ativa de associações contribui para uma colaboração social efetiva. O associativismo acaba mesmo por ser uma ponte, uma mediação, entre as vozes dos seus associados e representados e as esferas políticas mais altas. Assim, o governo democrático sai reforçado quando tem por base uma sociedade civil dinâmica.

Embora alguns autores apontem para o facto de os grupos mais participativos em termos associativos serem aqueles que detêm *a priori* mais capital social, reforçando desigualdades já existentes, nomeadamente em termos de estatuto socioeconómico e sociabilidades (segundo as teorias de reprodução de desigualdades, como a análise de Bourdieu), Putnam (1993, como citado em Albuquerque, 2008) defende que a existência de redes associativas permite adquirir confiança, com a aceitação e observância de normas, com base em valores comuns e numa reciprocidade entre todos estes elementos, fazendo com que, com agregação e sociabilização, indivíduos que estavam 'fora' destes círculos os comecem a integrar e a incluir mais pessoas das suas redes relacionais, numa constante e crescente contaminação participativa.

O concelho de Leiria tem uma presença associativa forte. Poderemos inferir que isso traduz a preocupação da sociedade civil com o bem-estar das comunidades. Estas associações dedicam o seu trabalho às mais variadas

áreas da vida em sociedade, contribuindo com projetos, ações e partilhas que tentam colmatar o que se sente em falta no círculo onde se inserem. As associações e o poder local têm uma relação estreita e de complementaridade, não existindo umas sem o outro e vice-versa. São inúmeros os exemplos de parcerias, partilhas e sinergias estabelecidas, em prol de uma sociedade mais sã e completa.

O concelho de Leiria é, então, bastante rico relativamente à presença, aparecimento e renovação associativa na sua delimitação geográfica, com cerca de 72 respostas sociais que contemplam IPSS e Associações com cariz de intervenção social.

Existe ainda, da parte do município, um regulamento de apoio ao associativismo, o PRO Leiria, que define as áreas, procedimentos e critérios utilizados na atribuição de apoios financeiros e não financeiros.

### A Área de Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria

A Área de Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria (C.M.L.) afirma ter como missão

assegurar a minoração de situações de carência, com vista à promoção e salvaguarda dos interesses próprios dos munícipes, potenciando a intervenção social e promovendo a inclusão social dos grupos sociais em situação de vulnerabilidade, em articulação com organizações públicas e privadas, quer através de programas e projetos, quer através de iniciativas de carácter pontual. ([www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/desenvolvimento-social-e-saude](http://www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/desenvolvimento-social-e-saude))

Esta missão tem em vista tornar Leiria um município inclusivo, com base em redes de parcerias, recursos e equipamentos sociais que minimizem as situações de exclusão social dos seus habitantes.

A presença da mediação intercultural é fundamental num contexto de diversidade e diversificação cultural como o que se vive hoje no concelho de Leiria. De acordo com um levantamento recente (2021), Leiria é dos concelhos no país com maior número de nacionalidades entre os seus residentes. Para Ana Filipa Soledade, Chefe de Divisão da Área de Desenvolvimento Social e Saúde da C.M.L., este facto solidifica ainda mais a importância de uma intervenção social integrada e transversal. Dado que há questões sociais comuns a todas as culturas, a importância da mediação intercultural inicia-se logo nos primeiros anos escolares como estratégia de mudança de mentalidades e

estereótipos. Através da partilha de culturas, trabalhando desde cedo com todas as diferenças e semelhanças, construindo uma convivência com todas as suas complexidades, este é um primeiro passo para a alteração de comportamentos e tratamentos.

Para a responsável da C.M.L., a mediação intercultural está sempre presente em todos os processos de inclusão, convocando estratégias diversas consoante os contextos e intervenções. Um dos projetos em vigor chama-se “Mediar para Incluir” e é pioneiro em termos de trabalho camarário na área. É um projeto apresentado ao Alto Comissariado para as Migrações (A.C.M.), financiado pelo POISE, no âmbito do projeto de Mediadores Municipais Interculturais de Leiria, e é um programa de mediação intercultural com a comunidade cigana local, tendo para já a presença de uma mediadora de pares a trabalhar com a C.M.L. Este trabalho é realizado em rede, sendo a parceria com a InPulsar fundamental no projeto “Giro Ó Bairro”, que tem o mesmo público-alvo. Neste projeto defende-se o “trabalhar as identidades diversas na complexidade, não incorrendo na tentação da homogeneização por parte da sociedade maioritária”. Guiomar Diamantina Silva é a mediadora municipal intercultural e os motivos que a levaram a adotar esta função prendem-se com a sua preocupação com a sua comunidade, de etnia cigana, na tentativa de “criar uma forma de visão diferente da sociedade em relação à comunidade cigana, os seus jovens e a cultura. Principalmente, criar pontes entre várias entidades parceiras e as pessoas mediadas”.

### **A Sociedade Artística Musical dos Pousos – SAMP**

A Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP) é uma Instituição de Utilidade Pública fundada em 1873 na freguesia de Pousos, concelho de Leiria. De acordo com os seus estatutos, a SAMP tem como objetivos “promover e potenciar as práticas culturais, em especial através da música e de outras artes performativas, incentivar a formação e produção artísticas e oferecer quaisquer outras atividades no âmbito da instrução e recreio dos seus associados”. Nos seus programas de ensino artístico, a SAMP desenvolve atividades intergeracionais com públicos-alvo que vão desde a primeira infância à população sénior, com programas terapêuticos através das artes, pondo em evidência o forte pendor de intervenção social presente nos projetos que desenvolve em parceria com outras instituições (públicas e privadas) e com organismos estatais. Para Raquel Gomes, coordenadora de projetos, a SAMP tem uma longa

história da utilização da arte, mais especificamente da música, na transformação da relação com o Outro. Como modelo de trabalho, a coordenadora distingue o facto de a SAMP ser uma instituição com um conjunto de profissionais muito diversificado que, consoante as características e necessidades do público-alvo, é dividido pelos diferentes projetos. O projeto SAMP eleito pela profissional como exemplo da mediação intercultural foi o “Museu na Aldeia”, que tem como objetivo proporcionar a fruição da cultura a públicos que normalmente não têm acesso à mesma. Baseia-se num programa sequencial e integrado com visitas entre museus e residentes de aldeias, originando uma rede coesa entre os municípios e as ofertas culturais e artísticas que possuem. Tem como público-alvo idosos autónomos com mais de 65 anos, residentes num dos 26 municípios da Rede Cultura 2027 e que vivam em zonas rurais isoladas, com pouca acessibilidade a ofertas culturais. Através de vários encontros criativos e de partilha, uma peça de museu é recriada pelos residentes. Posteriormente, a aldeia visita o museu de onde proveio a peça original, aí apresentando a sua criação, num momento de cocriação cultural. A aldeia escolhida foi Ateanha (Ansião), geminada com o Centro de Artes das Caldas da Rainha. Foram ouvidos os residentes através de conversa informal e em observação direta.

No decorrer do processo, estes novos criadores foram revelando os seus pontos de vista e trocando ideias, trazendo sempre novas e valorosas contribuições para as discussões. Abriram as portas das suas casas para receber profissionais e vizinhos, em momentos de criação, confraternização e amizade. Houve reações de surpresa e admiração por parte dos familiares mais novos em relação à participação dos seus pais e avós neste projeto, com o estabelecimento de novas conversas, com temas mais diversificados, cruzando-se assim mundos de gerações diferentes agora com um interesse em comum, com a conseqüente valorização dos mais velhos e dos seus contributos, saberes, olhares sobre o mundo, numa vertente de mediação intergeracional que norteia também estas atividades.

A mudança social é o propósito último dos projetos de intervenção social através de práticas artísticas, em dinâmicas que envolvem os artistas e o público com o qual se trabalha. É uma mudança provocada por agentes externos que pretende uma mudança interior dos indivíduos, dotando-os de capacidades de autoconhecimento e autovalorização que por vezes só a arte consegue despertar dentro de si. Este projeto ganhou o Prémio Europa Nostra na categoria “Envolvimento e Sensibilização dos Cidadãos”.

## A InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário

A InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), fundada em Leiria em 2012, que pauta a sua atuação pela intervenção social nas áreas da pobreza e exclusão social. Tem como missão a contribuição para a inclusão social e económica de setores da sociedade vulneráveis e em situação de exclusão social, procurando a aproximação e o envolvimento da(s) comunidade(s) nestas situações, pondo em relevo as potencialidades dos grupos, dos cidadãos e da(s) comunidade(s) na(s) qual(is) se inserem. O seu modelo de intervenção social é centrado no ser humano, nas suas capacidades, direitos e emancipação. Os valores que norteiam o trabalho da InPulsar são: equidade; articulação e participação; inovação e impulso; responsabilidade; flexibilidade.

Dar resposta aos grupos da sociedade em situação vulnerável foi o objetivo impulsionador da criação da InPulsar, atesta Lisete Cordeiro, fundadora desta instituição. As maiores áreas de intervenção social da InPulsar são a comunidade cigana, a comunidade imigrante, as pessoas em situação de sem-abrigo dependentes de substâncias psicoativas e, mais recentemente, os refugiados. As necessidades são aferidas através dos diversos projetos em curso. Dada a forte presença da associação em territórios e comunidades com culturas muito vincadas e diferenciadas, a mediação é fundamental para que se possam estabelecer pontes entre indivíduos de culturas diferentes, entre comunidades e entre pessoas e serviços. Recorrendo também a mediadores de pares, a InPulsar consegue chegar a populações muitas vezes ‘ocultas’, pois estes constituem-se como facilitadores de relações. As associações de cariz social são fulcrais nesta intervenção comunitária para o desenvolvimento local, cabendo aos profissionais das mesmas um papel facilitador de incremento de competências socioeducativas, com recurso a processos metodológicos próprios e com elevado grau de envolvimento com as comunidades do público-alvo e implicação desses indivíduos nos processos de resolução de problemas sociais.

O projeto da InPulsar eleito pela sua diretora como exemplo desta mediação foi o “Giro Ó Bairro”, que visa promover a inclusão social de crianças, jovens e famílias do Bairro Social da Cova das Faias, em Leiria, nomeadamente de etnia cigana, com recurso a metodologias participativas. Procura-se que os participantes deste projeto desenvolvam as suas competências ao nível pessoal e social, como as relacionais e cognitivas, com vista à sua autonomia e sentido de pertença a uma comunidade global, operando mudança social.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada à coordenadora do projeto, Ângela Damásio, e ouvido o público-alvo do mesmo. A missão de motivação

e acompanhamento destas crianças é desafiante e ensina tanto quanto se dá, obrigando a constantes readaptações de métodos e abordagens. É um encontro de mundos que muitas vezes não se tocam; embora partilhem os mesmos espaços macrossociais, i.e., a cidade, no que diz respeito a espaços geográficos mais específicos existe distanciamento e desconfiança, o que leva à existência de barreiras culturais. Só com um trabalho estruturado em que se privilegie o diálogo intercultural, estabelecendo redes de parcerias, se poderá mediar estas relações tantas vezes carregadas de conflitos latentes, intervindo socialmente e modificando a realidade, tendo sempre em vista o caminho para a convivência pacífica e edificadora no espaço social.

## Conclusão

O trabalho aqui apresentado procurou caracterizar diferentes tipos de respostas de intervenção social presentes no concelho de Leiria, com recurso à mediação intercultural. Para tal, considerou-se pertinente chamar à colação quer o trabalho desenvolvido pelo município – como exemplo da resposta estatal às questões sociais da sua jurisdição –, quer o trabalho de duas associações que estão no terreno e que mobilizam estratégias mediadoras de forma clara nas suas respostas de intervenção social e nos projetos que idealizam, projetam e concretizam em comunidades diferenciadas.

Pudemos perceber que o paradigma de resposta social aos desafios que todos os dias emergem da sociedade plural, intercultural e multicultural por parte da Câmara Municipal de Leiria está em processo de mudança e de adaptação, sendo um objetivo da equipa que o tipo de intervenção social na comunidade se paute cada vez mais pela prevenção do conflito e por estratégias de atuação contínuas, por forma a abandonar o cariz assistencialista que impregna as abordagens sociais e as instituições que estão responsáveis pelas vidas das pessoas.

No que respeita ao papel das associações selecionadas para o presente estudo – a SAMP e a InPulsar –, foi realizado um levantamento das suas respostas, caracterizando projetos e ouvindo as diversas vozes presentes nestes processos de intervenção: as coordenadoras, uma técnica, e ainda os ‘mediados’. Os projetos focados foram eleitos pelas responsáveis das associações, pois pretendíamos colocar nas suas mãos a escolha tendo em vista a sua sensibilidade e conhecimento em relação à presença da mediação intercultural nos projetos selecionados. Ficou claro que estas associações estão muito

dependentes de candidaturas com fases e pressupostos próprios e com cronologias que recorrentemente dificultam a atuação dos profissionais.

Seguindo os modelos de mediação preconizados por Torremorell (2008), parece-nos que os tipos de resposta estudados no presente trabalho de investigação seguem o modelo de mediação transformativa, sendo aquela que “permite às partes capitalizar os conflitos como oportunidades de crescimento” (Horowitz, 1998, como citado em Torremorell, 2008). Como a própria designação indica, a transformação, a mudança paradigmática, apresenta um papel central e não alternativo, e o ser humano tem uma função fulcral no processo de mediação, “pondo assim em relevo a co-construção das situações conflituosas a partir de uma lógica . . . ternária” (Torremorell, 2008, p. 49). A mudança é a transformação do conflito ao nível pessoal, relacional, estrutural e cultural, e a ação do mediador centra-se nas pessoas, que são as verdadeiras protagonistas de todo o processo, como podemos claramente verificar nos projetos de intervenção estudados.

No decurso do trabalho realizado, tornou-se óbvia a enorme potencialidade do trabalho em rede, quer entre as diversas associações, quer entre a C.M.L. e as associações com projetos de intervenção. Graças às parcerias estabelecidas e sinergias daí decorrentes, é possível chegar a um maior número de pessoas com necessidade destes projetos de intervenção, sendo desta forma que a comunidade se une à resposta estatal e às associações sociais civis. Os trabalhadores sociais destas estruturas são obrigados a uma mediação constante, seja entre grupos numa mesma comunidade, seja entre membros de comunidades diferentes, seja entre a instituição e os parceiros sociais e investidores.

Não havendo, até à data, um levantamento ou estudo com esta génese temática, consideramos que o presente trabalho cumpriu os seus objetivos investigativos, podendo servir de base para futuras aprendizagens acerca da realidade social leiriense e novas formas de intervir nas comunidades, trabalhando com as pessoas e proporcionando novas formas de convivência intra e extracomunitária, mediadoras e transformadoras. Pois, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos (2003), todos

temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (p. 56)

### Referências bibliográficas

- AEP Desenvolupament Comunitari & Andalucía Acoge. (2008). *Mediación intercultural: Una propuesta para la formation*. Editorial Popular.
- ALBUQUERQUE, R. (2008). *Associativismo, capital social e mobilidade. Contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal* [Tese de doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório Aberto. <http://hdl.handle.net/10400.2/1271>
- COSTA, A. (2014). A pesquisa de terreno em sociologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 129-148). Edições Afrontamento.
- LENOIR, R. (2004). *Choc ou dialogue des civilisations?* Editions Yves Michel.
- MAALOUF, A. (2009). *As identidades assassinas*. Difel.
- PEREIRA, J. D., Samara, M. A., & Godinho, P. (Org.). (2016). *Espaços, redes e sociabilidades. Cultura e política no movimento associativo contemporâneo*. IHC-FCSH/NOVA. <http://hdl.handle.net/10362/18340>
- SANTOS, B. (2003). *Reconhecer para libertar – Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Civilização Brasileira.
- TORREMORELL, M. C. (2008). *Cultura da mediação e mudança social*. Porto Editora.
- VIEIRA, A. (2013). *Educação social e mediação sociocultural*. Profedições.
- VIEIRA, R. (2009). *Identidades pessoais. Interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais*. Edições Colibri.
- VIEIRA, R., & Araújo, N. (2018). Políticas municipais para a inclusão social. Da mediação intercultural à mediação comunitária: Mesa-redonda/focus group com as Câmaras da Batalha, Leiria, Marinha Grande e Pombal. In R. Vieira, J. C. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido (Orgs.), *Da mediação intercultural à mediação comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir* (pp. 127-173). Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R., & Vieira, A. (2016). Mediações socioculturais: Conceitos e contextos. In R. Vieira, J. C. Marques, P. Silva, A. Vieira, & C. Margarido (Orgs.), *Pedagogias de mediação intercultural e intervenção social* (pp. 27-55). Edições Afrontamento.

### Sítios consultados:

- <https://www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/desenvolvimento-social-e-saude/rede-social>
- <https://www.inpulsar.pt/>
- <https://www.samp.pt/escola-de-artes/ensino/>